



**PROCESSO SELETIVO PPGCOM/UFMS – 2026/1**

**PADRÃO DE RESPOSTAS - PROVA DE CONHECIMENTOS  
ESPECÍFICOS**

**DOUTORADO**

**ORIENTAÇÕES GERAIS:**

A prova terá a duração de 4 horas a contar a partir de seu início.

Não é permitido qualquer tipo de identificação na prova para além do número de inscrição do/a candidato/a.

Não é permitido qualquer tipo de consulta a materiais como livros, fichamentos, anotações, bem como acesso a equipamentos eletrônicos individuais (telefones celulares, tablets, notebooks, etc.) de propriedade do/as candidatos/as.

A prova será avaliada em escala de 0,00 (zero) a 10,00 (dez). O/a candidato/a deverá salvar o arquivo aberto no computador, no formato Microsoft Word (\*.doc ou \*.docx) na área de trabalho, nomeando-o apenas pelo número de inscrição.

O/a candidato/a **deverá responder obrigatoriamente a questão geral** referente à área de concentração do PPGCOM e **escolher uma das duas questões** disponibilizadas no interior de sua linha de pesquisa.

O/a candidato deverá apagar os enunciados das questões que não serão respondidas (a questão não escolhida no interior de sua linha de pesquisa e questões relacionadas à outra linha de pesquisa)

Após a conclusão da prova, o/a candidato/a deverá avisar um dos membros do corpo docente do PPGCOM presentes no local para proceder a impressão do documento. A prova impressa deverá ser conferida e rubricada (de forma que não possa ser permitida a identificação) pelo/a candidato/a e inserida em um envelope com identificação apenas com o número de inscrição. O envelope será lacrado, novamente rubricado (de forma que não possa ser permitida a identificação) pelo/a candidato/a, para abertura apenas durante o processo de correção.

Após a impressão e a conferência da prova pelo/a candidato/a, o arquivo deverá ser excluído da área de trabalho e da lixeira do computador.



## **QUESTÕES**

### **ÁREA DE CONCENTRAÇÃO – MÍDIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL (*Questão geral para os candidatos das duas linhas de pesquisa*)**

#### **Questão geral:**

Na Parte 2 da obra “*Experiências metodológicas na comunicação*” (2022), intitulada “*Experiências do campo*”, os/as autores/as aprofundam a discussão sobre os vínculos indissociáveis entre teoria, método e posicionamento epistemológico na pesquisa em Comunicação. A partir dos questionamentos colocados por França (2022, p. 266) - “*I) existe uma metodologia da Comunicação? II) em um projeto de pesquisa, como definir/escolher a metodologia?; III) como se articulam Teoria (os fundamentos teóricos da pesquisa) e a construção metodológica?*” - debata o papel da epistemologia na definição dos percursos metodológicos no campo da Comunicação, explicitando:

- a) como a crítica à neutralidade metodológica tensiona modelos tradicionais de pesquisa;
- b) de que modo a articulação entre teoria e método redefine a construção do objeto comunicacional;
- c) quais são as implicações dessa perspectiva para a formação do/a pesquisador/a em Comunicação, especialmente no contexto da Pós-Graduação. Para além disso, como essas preocupações se refletem no seu projeto de pesquisa de Doutorado?

#### **PADRÃO DE RESPOSTA:**

A resposta deve revelar uma compreensão satisfatória das ideias presentes na obra de referência. Tendo em vista que a Parte 2 do livro “*Experiências metodológicas na comunicação*”, indicada no processo seletivo do Doutorado em Comunicação, aprofunda a crítica à concepção de método como mero instrumental neutro, ao evidenciar que toda escolha metodológica está necessariamente vinculada a pressupostos epistemológicos, concepções de sujeito e posicionamentos teórico-políticos, espera-se que a resposta possa problematizar modelos positivistas e normativos de pesquisa que concebem o método como um conjunto de



técnicas aplicáveis a qualquer objeto, independentemente de contexto histórico, relações de poder ou implicação do/a pesquisador/a.

Ademais, a resposta deve estar alicerçada pelas discussões do próprio livro passando, por exemplo, pela necessidade de diálogos entre conceitos e métodos, pelo lugar da teoria para acionamento metodológico, no tempo da pesquisa (e do método) e pela própria escritura comunicacional como reveladora das escolhas metodológicas. Os/as candidatos/as devem também problematizar que a pesquisa não deve ser um processo de descoberta de verdades ou resultados pré-existent, mas concebida como uma prática de produção de sentidos, atravessada por disputas simbólicas e epistemológicas. Além disso, reconhecer que o objeto não é dado a priori, mas construído ao longo da pesquisa, a partir do diálogo entre referenciais teóricos, procedimentos metodológicos e o campo empírico. As experiências metodológicas discutidas mostram que o objeto pode se deslocar, se complexificar ou mesmo ser reformulado no decorrer do processo, o que exige do/a pesquisador/a abertura para o imprevisível e atenção às dinâmicas próprias das práticas comunicacionais. Tal compreensão é particularmente relevante em um campo marcado pela heterogeneidade de objetos, linguagens e mediações, como é o caso da Comunicação.

No que se refere às implicações dessa perspectiva para a formação do/a pesquisador/a em Comunicação, especialmente na pós-graduação, destaca-se a centralidade da reflexividade como competência acadêmica fundamental. A Parte 2 do livro referenciado evidencia que formar pesquisadores/as em Comunicação implica não apenas ensinar técnicas de pesquisa, mas promover uma compreensão crítica sobre o lugar do/a pesquisador/a, seus compromissos éticos e suas responsabilidades políticas na produção do conhecimento. Por fim, a resposta deve trazer a proposta de pesquisa do doutorando/a e reconhecê-la no complexo contexto de pesquisa supracitado. Em termos de pontuação, conforme constante no Anexo V do Edital PROPP/UFMS nº 352/2025, a resposta será avaliada conforme os seguintes critérios: I) domínio do conteúdo e dos autores (três pontos); coerência nos argumentos (dois pontos); articulação com o projeto de pesquisa (dois pontos); articulação com a linha de pesquisa (dois pontos); e correção gramatical e linguagem acadêmica (um ponto).



\*\*\*

**LINHA DE PESQUISA - MÍDIA, IDENTIDADE E REGIONALIDADE** (*Questões específicas da linha de pesquisa. Os/as candidatos/as devem escolher uma das duas questões específicas para responder*)

Questão específica 1:

Leia com atenção o trecho a seguir extraído do capítulo “*Comunicação e fronteiras: geografias e espaços simbólicos das práticas comunicativas na América Latina*”, de Raul Fuentes Navarros, presente na obra “*Fronteiras culturais e práticas comunicativas*” (Ed. UFMS, 2023).

Sabemos bem que a história das disciplinas, e especialmente algumas versões interessadas dela, não pode ser reconstruída apenas com linhas retas e contínuas. Seguindo o ilustre geógrafo brasileiro Milton Santos, temos que reconhecer que “o mundo é um só. Se é visto de um certo prisma, para uma determinada disciplina, ou para todas as disciplinas, os materiais constituintes são os mesmos” (MOREIRA et al., 2019, p. 12), embora em outro plano, e por razões associadas à institucionalização da academia, cada vez mais movimentos multidisciplinares e interdisciplinares têm sido essenciais, e suas articulações inevitáveis. Tempo e espaço são coordenadas de toda interação humana, como apontamos antes, seguindo a teoria da estruturação de Anthony Giddens (1984), e daí se entende que as regiões socioculturais são concebidas como “a expressão espacial, em um dado momento, de um determinado processo histórico”, nas palavras de Guillermo Bonfil Batalla, e que são construções resultantes “da intervenção de poderes econômicos, políticos ou culturais do presente ou do passado”, segundo Gilberto Giménez (2007, p. 110). Em outras palavras, “regiões socioculturais” são categorias analógicas que servem para definir e analisar os fatores de estruturação da existência humana em um determinado território. Este termo é mais frequentemente utilizado para denominar espaços e processos intra ou subnacionais, mas também é usado em referência a agrupamentos territoriais supranacionais, especialmente quando é concebido como um referente de identidade, embora, claro, não seja homogêneo. (NAVARROS, 2023, p. 18-19).

Tomando as reflexões do autor como ponto de partida, discuta sobre como os conceitos de “território” e de “fronteira” se estabelecem como construções socioculturais e



como o campo acadêmico da Comunicação tensiona e colabora para tais construções. Adicionalmente, debata sobre como, analogicamente, os mesmos conceitos trabalhados pelo autor mexicano podem ser pensados também para a compreensão dos próprios campos do conhecimento acadêmico. Finalmente, argumente sobre como a discussão proposta pelo autor pode dialogar com seu projeto de pesquisa de Doutorado.

### **PADRÃO DE RESPOSTA:**

A resposta deve revelar uma compreensão satisfatória das ideias do autor-base (Raul Fuentes Navarros) no texto de referência, construindo uma argumentação sólida nos três itens solicitados: a) como os conceitos de “território” e de “fronteira” se estabelecem como construções socioculturais e como o campo acadêmico da Comunicação tensiona e colabora para tais construções; b) como, analogicamente, os mesmos conceitos trabalhados pelo autor mexicano podem ser pensados também para a compreensão dos próprios campos do conhecimento acadêmico; e c) como a discussão proposta pelo autor pode dialogar com o projeto de pesquisa de Doutorado. Em suma, os candidatos deverão debater de forma efetiva os conceitos de “território” e “fronteira” como construções socioculturais (isto é, concepções dinâmicas fruto da intervenção humana que “quase sempre vão além de suas origens locais, e aparecem muitas vezes como enigmas em contextos aparentemente separados, no espaço-tempo mundial”) e articular os conceitos como analogias no universo dos campos do conhecimento (os campos do conhecimento como “territórios” simbólicos e as “fronteiras” entre os saberes científicos como aspectos de inter/trans-disciplinaridade), tal como debatido pelo autor no texto-base.

Partindo das reflexões de Raul Fuentes Navarros (2023), os conceitos de território e de fronteira são compreendidos não como dados naturais ou meramente geográficos, mas como construções socioculturais historicamente situadas, produzidas por relações de poder, disputas simbólicas e práticas comunicativas. Ao mobilizar autores como Milton Santos, Anthony Giddens, Bonfil Batalla e Gilberto Giménez, Navarros enfatiza que tempo e espaço constituem dimensões indissociáveis da vida social, sendo continuamente (re)configurados



por processos históricos, políticos, econômicos e culturais. Assim, o território deixa de ser entendido apenas como um recorte físico para ser pensado como um espaço vivido, significado e disputado, no qual se produzem identidades, pertencimentos e exclusões.

Nesse quadro, a fronteira não se reduz a uma linha de separação fixa, mas opera como uma zona de contato, tensão e negociação. As fronteiras socioculturais são móveis, porosas e contraditórias, pois resultam de dinâmicas históricas que articulam o local, o nacional e o transnacional. Como destaca Navarros (2023), as regiões socioculturais expressam, em um dado momento, determinados processos históricos e intervenções de poder, o que implica reconhecer sua heterogeneidade interna e seu caráter relacional. A fronteira, portanto, é menos um limite estanque e mais um espaço simbólico onde circulam sentidos, práticas e conflitos.

O campo acadêmico da Comunicação ocupa um lugar estratégico nesse debate, na medida em que tanto tensiona quanto colabora para a construção de territórios e fronteiras simbólicas. Por um lado, as práticas comunicativas — midiáticas, culturais, institucionais ou comunitárias — participam ativamente da produção de imaginários territoriais, reforçando ou questionando narrativas hegemônicas sobre regiões, identidades e pertencimentos. Por outro, a própria Comunicação, enquanto campo de conhecimento, opera de forma transversal, dialogando com a Geografia, a Sociologia, a Antropologia e os Estudos Culturais, o que a posiciona em uma zona de fronteira epistemológica. Essa condição fronteiriça permite ao campo tensionar visões disciplinares rígidas e contribuir para abordagens mais complexas sobre os processos socioculturais contemporâneos, especialmente no contexto latino-americano.

Analogicamente, os conceitos de território e fronteira podem ser mobilizados para pensar os próprios campos do conhecimento acadêmico. Assim como os territórios socioculturais, os campos disciplinares não são homogêneos nem estáveis, mas resultam de processos históricos de institucionalização, disputas por legitimidade e relações de poder no interior da academia. As fronteiras entre disciplinas funcionam como construções simbólicas que delimitam objetos, métodos e tradições teóricas, ao mesmo tempo em que são constantemente atravessadas por fluxos interdisciplinares. Como sugere Navarros (2023), a



crescente relevância de movimentos multidisciplinares e interdisciplinares evidencia o caráter poroso dessas fronteiras e a necessidade de reconhecer que os “materiais constituintes” da realidade social são compartilhados entre diferentes campos.

Desse modo, pensar os campos acadêmicos como territórios implica reconhecê-los como espaços de produção de sentido, marcados por assimetrias e negociações, enquanto as fronteiras disciplinares podem ser compreendidas como zonas de contato que tanto limitam quanto possibilitam novas articulações teóricas. A Comunicação, ao se constituir historicamente como um campo híbrido e relacional, exemplifica essa dinâmica, operando como um espaço privilegiado para refletir criticamente sobre as fronteiras — geográficas, culturais e epistemológicas — que estruturam a experiência social e o próprio conhecimento científico.

Por fim, espera-se que os candidatos desenvolvam uma articulação coerente entre a discussão presente no texto-base e o próprio projeto de pesquisa de Doutorado inscrito no processo seletivo (isto é, como os conceitos de “território” e “fronteira” dialogam com a proposição de estudo em termos de objeto, referencial teórico e método - e, em caso de não-diálogo, como isso se justifica no interior da linha de pesquisa proposta). Ademais, a resposta deve adotar a escrita científica, evidenciando elementos que caracterizam esse estilo, como a objetividade e precisão, permitindo a fácil compreensão da linha de raciocínio construída. Em termos de pontuação, conforme constante no Anexo V do Edital PROPP/UFMS nº 352/2025, a resposta será avaliada conforme os seguintes critérios: I) domínio do conteúdo e dos autores (três pontos); coerência nos argumentos (dois pontos); articulação com o projeto de pesquisa (dois pontos); articulação com a linha de pesquisa (dois pontos); e correção gramatical e linguagem acadêmica (um ponto).

#### Questão específica 2:

O texto *“Descolonizar a historiografia do audiovisual e cinema brasileiros: a representação e participação indígena, africana e afrodescendente”*, apresenta um recorrido





histórico sobre a produção brasileira de filmes. Em sua reflexão, a autora Carolin Ferreira (2023) apresenta diferentes aspectos sobre essa produção, que partem da conformação racial da população, até chegar a uma pontuação sobre a necessidade de, no presente, descolonizar a história do audiovisual brasileiro.

Na esteira dessa argumentação, apresente uma resposta dissertativa que possa transparecer como você percebe um ou mais pontos trabalhados pelo texto. Em sua reflexão, o/a candidato/a pode articular aspectos históricos, políticos e sociais, questões estéticas, abordagens discursivas, comparações entre produções cinematográficas brasileiras com fatos da atualidade, fazer referências a outras produções artísticas que possam dialogar com produções nacionais. O importante é que as questões apresentadas por Carolin Ferreira (2023) possam servir de base para o seu debate, seja de forma crítica, analítica ou em concordância com a autora.

Adicionalmente, discorra sobre como sua proposta de pesquisa de Doutorado pode ser articulada ao debate proposto pelo texto, seja por um viés teórico, histórico, temático ou mesmo metodológico.

### **PADRÃO DE RESPOSTA:**

A resposta deve revelar uma compreensão satisfatória das ideias da autora-base (Carolin Ferreira) no texto de referência, construindo uma argumentação sólida sobre os itens solicitados. No texto “*Descolonizar a historiografia do audiovisual e cinema brasileiros: a representação e participação indígena, africana e afrodescendente*”, a autora propõe uma revisão crítica das narrativas consagradas sobre a história do cinema brasileiro, evidenciando como essas narrativas foram constituídas a partir de apagamentos sistemáticos e hierarquizações raciais herdadas do projeto colonial. Um dos pontos centrais trabalhados pela autora diz respeito à dissociação histórica entre a conformação racial da população brasileira e sua representação — ou ausência — no campo do audiovisual, tanto diante das câmeras quanto nos processos de autoria, produção e legitimação simbólica.





Ao percorrer a história da produção cinematográfica nacional, Ferreira (2023) demonstra que a presença indígena, africana e afrodescendente foi, durante décadas, marcada por estereótipos, exotizações ou enquadramentos subordinados, frequentemente mediados por um olhar branco, urbano e eurocentrado. Esse processo não pode ser compreendido apenas como uma falha de representação, mas como um efeito estrutural de um regime de visibilidade colonial, no qual certos sujeitos são reiteradamente posicionados como objeto de olhar, e não como agentes de produção de sentido. Nesse aspecto, a autora tensiona a própria historiografia do cinema brasileiro, ao mostrar que ela reproduziu, em grande medida, os mesmos critérios de exclusão e hierarquização presentes nas obras que analisava.

A dimensão política dessa crítica se torna evidente quando Ferreira (2023) aponta a necessidade, no presente, de descolonizar não apenas as imagens, mas os modos de narrar a história do audiovisual. Tal deslocamento implica reconhecer que a emergência de realizadores indígenas, negros e periféricos não representa apenas uma ampliação quantitativa da produção, mas uma inflexão qualitativa nos regimes estéticos e discursivos do cinema brasileiro. Do ponto de vista estético e discursivo, a reflexão de Ferreira (2023) permite compreender que a descolonização do audiovisual não se restringe à temática dos filmes, mas envolve escolhas formais que reorganizam o olhar do espectador. A valorização de outras temporalidades, a recusa de estruturas narrativas clássicas, o deslocamento do ponto de vista e a centralidade da experiência vivida dos sujeitos filmados configuram estratégias que rompem com uma tradição cinematográfica fundada na observação distanciada e na objetificação do “outro”. Nesse sentido, a autora aproxima a discussão do cinema de debates mais amplos sobre autoria, lugar de fala e epistemologias situadas.

Outrossim, ao propor a descolonização da historiografia do cinema brasileiro, Ferreira (2023) convida a repensar o próprio campo acadêmico e crítico que legitima determinadas obras e silencia outras. Sua argumentação evidencia que o enfrentamento do colonialismo no audiovisual exige uma revisão dos cânones, dos critérios de valor estético e das metodologias de análise, articulando história, política e estética. Assim, sua reflexão não apenas ilumina lacunas do passado, mas oferece ferramentas conceituais para compreender disputas



contemporâneas em torno da memória, da representação e do direito à produção de imagens no Brasil.

Por fim, espera-se que os candidatos desenvolvam uma articulação coerente entre a discussão presente no texto-base e o próprio projeto de pesquisa de Doutorado inscrito no processo seletivo, perpassando os pontos solicitados na questão: teórico, histórico, temático ou metodológico. A resposta deve adotar a escrita científica, evidenciando elementos que caracterizam esse estilo, como a objetividade e precisão, permitindo a fácil compreensão da linha de raciocínio construída. Em termos de pontuação, conforme constante no Anexo V do Edital PROPP/UFMS nº 352/2025, a resposta será avaliada conforme os seguintes critérios: I) domínio do conteúdo e dos autores (três pontos); coerência nos argumentos (dois pontos); articulação com o projeto de pesquisa (dois pontos); articulação com a linha de pesquisa (dois pontos); e correção gramatical e linguagem acadêmica (um ponto).

\*\*\*

**LINHA DE PESQUISA – LINGUAGENS, PROCESSOS E PRODUTOS MIDIÁTICOS**  
*(Questões específicas da linha de pesquisa. Os/as candidatos/as devem escolher uma das duas questões específicas para responder)*

Questão específica 1:

O trecho abaixo, extraído do capítulo “*Onde está Ruanda no mapa? Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo*”, de Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva (2021), sintetiza parte da linha argumentativa das autoras na discussão sobre as interfaces entre produção de conhecimento, colonialidade e jornalismo.

A insistência em um jornalismo de mirada colonial, seja nas universidades, seja nas redações, resulta em um cenário enormemente assimétrico e no qual se mantém a opacidade imagética/discursiva sobre milhões de pessoas. Isso nos leva a pensar caminhos para um jornalismo cuja epistemologia não se assenta em pressupostos universalistas e racializados, nos remetendo



diretamente aos estudos decoloniais e sua interação com a comunicação.  
(Moraes, Veiga da Silva, 2021, p. 157-158).

Com base no texto de referência presente na bibliografia, discuta de que modo as autoras problematizam os limites de uma abordagem essencialmente econômica para explicar as ideias de objetividade e de racionalidade no jornalismo. Complementarmente, explique como a noção de colonialidade abordada pelas autoras encontra vazão num debate sobre “pressupostos universalistas” presentes no jornalismo e na cultura midiática contemporânea.

Adicionalmente, argumente de que forma sua sua proposta de projeto de Doutorado dialoga criticamente com a ideia de um conhecimento subjetivista na comunicação trabalhada pelas autoras, seja por reafirmação, inflexão ou confronto.

#### **PADRÃO DE RESPOSTA:**

A resposta deve revelar uma compreensão satisfatória das ideias das autoras-base (Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva) no texto de referência, construindo uma argumentação sólida sobre como as autoras problematizam os limites de uma abordagem essencialmente econômica para explicar as ideias de objetividade e de racionalidade no jornalismo. Nesse sentido, espera-se que os/as candidatos/as debatam as relações de saber/poder “que forjam a episteme dominante e os regimes de verdade”, apontando como elas “perpassam o jornalismo para além de suas dimensões estritamente econômicas/mercadológicas”, problematizando a dicotomia economia *versus* cultura trabalhada no texto-base.

As autoras problematizam os limites de uma explicação estritamente econômica das noções de objetividade e racionalidade no jornalismo ao evidenciarem que tais categorias não se constituem apenas como efeitos das condições materiais de produção ou da lógica capitalista das empresas de mídia. Embora reconheçam a centralidade dos fatores econômicos na organização do campo jornalístico, Moraes e Veiga da Silva (2021) argumentam que a objetividade jornalística opera também como um regime epistemológico historicamente situado, atravessado por relações coloniais de poder, saber e subjetivação. Assim, a



objetividade não pode ser compreendida apenas como uma técnica profissional ou como um imperativo mercadológico, mas como um dispositivo que naturaliza determinados modos de ver, narrar e hierarquizar o mundo, produzindo silenciamentos e opacidades discursivas sobre sujeitos e territórios subalternizados.

Nesse sentido, as autoras deslocam a análise do plano exclusivamente econômico para uma crítica epistemológica, mostrando que a racionalidade jornalística moderna se constrói a partir de pressupostos eurocentrados que se apresentam como universais. A crença na neutralidade, na imparcialidade e na separação rígida entre sujeito e objeto do conhecimento sustenta uma ideia de jornalismo que deslegitima outras formas de produção de sentido e conhecimento, sobretudo aquelas vinculadas a experiências históricas marcadas pelo colonialismo, pelo racismo e pelas desigualdades globais. Trata-se, portanto, de uma racionalidade que não apenas organiza o fazer jornalístico, mas define quais vidas são narráveis, quais dores são reconhecíveis e quais acontecimentos merecem visibilidade.

Adicionalmente, os/as candidatos/as devem demonstrar conhecimento da noção de “colonialidade” abordada pelas autoras e explicar como ela conforma os “pressupostos universalistas” presentes no jornalismo e na cultura midiática contemporânea. Nesse aspecto, espera-se que os/as candidatos/as problematizem as “dimensões sociais, culturais, simbólicas e epistemológicas que formam o chamado sistema-mundo capitalista, patriarcal, moderno” e servem de pano de fundo para uma compreensão universalizante do jornalismo e da cultura midiática.

É nesse ponto que a noção de colonialidade, tal como mobilizada pelas autoras, ganha centralidade. Inspiradas no pensamento decolonial, Moraes e Veiga da Silva (2021) compreendem a colonialidade como a persistência, no presente, de estruturas de dominação simbólica e epistêmica forjadas no colonialismo histórico. No jornalismo e na cultura midiática contemporânea, essa colonialidade se manifesta por meio de pressupostos universalistas que tomam a experiência europeia e branca como medida de humanidade, racionalidade e modernidade. A pergunta “*onde está Ruanda no mapa?*”, evocada no capítulo, não diz respeito apenas a um desconhecimento geográfico, mas revela uma



hierarquização do mundo que torna certos lugares, povos e histórias invisíveis ou inteligíveis apenas a partir de estereótipos e enquadramentos coloniais.

Desse modo, ao criticarem os pressupostos universalistas do jornalismo, as autoras apontam para a necessidade de uma epistemologia jornalística que reconheça a pluralidade de saberes, experiências e perspectivas, rompendo com a lógica de um olhar único e totalizante. A proposta de um jornalismo de orientação decolonial implica, portanto, questionar as bases epistemológicas da objetividade e da racionalidade modernas, compreendendo-as como construções históricas racializadas, e abrir espaço para práticas comunicacionais que enfrentem a colonialidade do saber, do ver e do narrar que ainda estrutura o campo jornalístico.

Por fim, espera-se que os/as candidatos/as desenvolvam uma articulação coerente entre a discussão presente no texto-base e o próprio projeto de pesquisa de Doutorado inscrito no processo seletivo, debatendo - seja por reafirmação, inflexão ou confronto - como a ideia de “conhecimento localizado” na comunicação trabalhada pelas autoras encontra dialogismo na pesquisa. Ademais, a resposta deve adotar a escrita científica, evidenciando elementos que caracterizam esse estilo, como a objetividade e precisão, permitindo a fácil compreensão da linha de raciocínio construída. Em termos de pontuação, conforme constante no Anexo V do Edital PROPP/UFMS nº 352/2025, a resposta será avaliada conforme os seguintes critérios: I) domínio do conteúdo e dos autores (três pontos); coerência nos argumentos (dois pontos); articulação com o projeto de pesquisa (dois pontos); articulação com a linha de pesquisa (dois pontos); e correção gramatical e linguagem acadêmica (um ponto).

#### Questão específica 2:

Com base no ensaio “*Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar*”, de Ismail Xavier (2003), analise criticamente a noção de construção do olhar no cinema, a partir de um recorte conceitual específico desenvolvido pelo autor (como a tensão entre trama e cena, a centralidade da mise-en-scène ou a organização do ponto de vista espectral). A



partir da análise de um filme de sua escolha (adaptado ou não), discuta de que modo enquadramento, encenação e montagem operam não apenas como recursos formais, mas como estratégias de orientação, limitação ou problematização do olhar do espectador. Em seguida, retome explicitamente esse recorte teórico para reconfigurar o seu próprio projeto de pesquisa, indicando: a) de que maneira o conceito de construção do olhar, tal como formulado por Ismail Xavier (2003), desloca, refina ou tensiona o problema central de sua investigação; b) em que medida sua proposta de pesquisa dialoga criticamente com a tradição analítica representada pelo texto de Xavier (2003), seja por continuidade, inflexão ou confronto.

### **PADRÃO DE RESPOSTA:**

A resposta deve revelar uma compreensão satisfatória das ideias do autor-base (Ismail Xavier) no texto de referência, construindo uma argumentação sólida sobre a noção de construção do olhar no cinema a partir de um recorte conceitual específico escolhido pelo candidato, a exemplo da tensão entre trama e cena, da centralidade da mise-en-scène ou da organização do ponto de vista espectral. No ensaio *Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar*, Xavier (2003) propõe uma compreensão do cinema que desloca a análise do mero encadeamento narrativo para a forma como o filme organiza a experiência perceptiva do espectador. A noção de “construção do olhar” está diretamente associada à tensão entre trama e cena, isto é, entre a progressão narrativa e a materialidade da encenação audiovisual. Para Xavier (2003), o cinema não apenas conta uma história, mas institui um regime de visibilidade que orienta, regula e, em certos casos, problematiza o modo como o espectador vê, compreende e interpreta os acontecimentos.

Ao privilegiar a centralidade da mise-en-scène, o autor enfatiza que o olhar do espectador é construído pela articulação entre enquadramento, encenação e montagem, elementos que operam como mediações ativas da experiência fílmica. O enquadramento define o campo do visível e do invisível, instaurando limites e hierarquias no espaço da cena; a encenação organiza corpos, gestos e objetos no interior desse campo; e a montagem estabelece relações temporais e causais que orientam a leitura dos planos. Dessa forma, a



construção do olhar não se reduz a uma questão técnica, mas envolve uma dimensão ideológica e epistemológica, pois determina as condições de acesso do espectador ao mundo representado.

Complementarmente, o/a candidato/a deverá escolher livremente uma obra cinematográfica (adaptada ou não) e utilizá-la para debater, novamente com domínio satisfatório do texto-base, de que modo as concepções de enquadramento, de encenação e de montagem operam não apenas como recursos formais, mas como estratégias de orientação, limitação ou problematização do olhar do espectador. Por fim, espera-se que os candidatos desenvolvam uma articulação coerente entre a discussão presente no texto-base e o próprio projeto de pesquisa de Doutorado inscrito no processo seletivo, perpassando os dois pontos solicitados na questão: a) de que maneira o conceito de construção do olhar, tal como formulado por Ismail Xavier, desloca, refina ou tensiona o problema central da proposta de investigação; b) em que medida sua proposta de pesquisa dialoga criticamente com a tradição analítica representada pelo texto de Xavier, seja por continuidade, inflexão ou confronto.

Retomando esse recorte teórico para a reconfiguração de um projeto de pesquisa, o conceito de construção do olhar, tal como formulado por Ismail Xavier (2003), o/a candidato/a pode deslocar o problema central da investigação de uma análise centrada exclusivamente no conteúdo ou na representação para uma abordagem que considere os modos de endereçamento e as estratégias formais que produzem sentidos. Ao compreender o olhar como algo construído e não dado, o conceito refina a investigação ao evidenciar que os significados emergem da relação entre forma, narrativa e posição espectral, tensionando leituras mais descritivas ou temáticas do objeto.

Nesse sentido, o diálogo com a tradição analítica representada por Xavier (2003) pode se dar tanto por continuidade quanto por inflexão crítica. Por um lado, a pesquisa se inscreve na linhagem que valoriza a análise formal e a atenção à mise-en-scène como dimensão constitutiva do sentido fílmico. Por outro, pode tensionar esse legado ao articular a construção do olhar com debates contemporâneos — como questões de gênero, raça, tecnologia ou circulação midiática — que reconfiguram as condições de produção e recepção das imagens.





Assim, o conceito de Xavier (2003) não apenas pode fundamentar a análise, mas também funcionar como um operador teórico que possibilita atualizar criticamente a reflexão sobre o cinema e suas formas de interpelar o espectador.

Ademais, a resposta deve adotar a escrita científica, evidenciando elementos que caracterizam esse estilo, como a objetividade e precisão, permitindo a fácil compreensão da linha de raciocínio construída. Em termos de pontuação, conforme constante no Anexo V do Edital PROPP/UFMS nº 352/2025, a resposta será avaliada conforme os seguintes critérios: I) domínio do conteúdo e dos autores (três pontos); coerência nos argumentos (dois pontos); articulação com o projeto de pesquisa (dois pontos); articulação com a linha de pesquisa (dois pontos); e correção gramatical e linguagem acadêmica (um ponto).